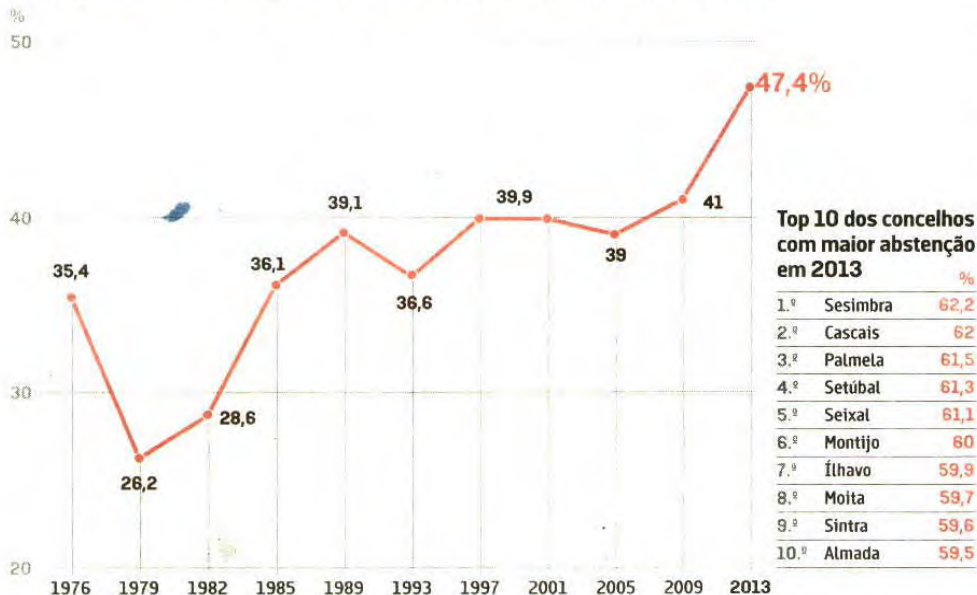


Autárquicas têm cada vez menos votos

Portugal: evolução da taxa de abstenção nas eleições autárquicas



Top 10 dos concelhos com maior abstenção em 2013

Rank	Concelho	%
1.º	Sesimbra	62,2
2.º	Cascais	62
3.º	Palmela	61,5
4.º	Setúbal	61,3
5.º	Seixal	61,1
6.º	Montijo	60
7.º	Ílhavo	59,9
8.º	Moita	59,7
9.º	Sintra	59,6
10.º	Almada	59,5

FONTE: PORADATA | INFOGRAFIA IN

Nuno Miguel Ropio
sociedade@jn.pt

► A abstenção nas autárquicas tem-se mantido imparável desde as primeiras eleições livres, em 1976, apesar de ligeiras quedas registadas ao longo dos 11 sufrágios locais realizados. Nem a limpeza de cadernos eleitorais, há 20 anos, deu a volta ao cenário. Os 47,6% registados na última ida às urnas, em 2013, aumentam a expectativa em relação ao que está para vir no dia 1 de outubro.

Sendo que, ao abrir dos locais de voto, já se deve contar com cerca de 10% de abstencionistas – todos aqueles que se estima estejam registados em Portugal e que emigraram ou que não se encontram no momento em que ocorrem as eleições no país. Ainda assim, apesar deste cenário, quem analisa o fenómeno de participação democrática garante que não há motivos para preocupação. Mas ter um quadro de forças poli-

pormenores:

18%

Valor mais baixo de abstencionistas, em 2013, registado no concelho mais ocidental de Portugal – Lajes das Flores

Cadernos limpos em 1998

● Meio milhão de portugueses falecidos foram limpos dos cadernos eleitorais há 20 anos. Desde essa grande mexida nos registos, nada se alterou.

À luz do salário de autarca

● Os autarcas têm o salário indexado ao número de eleitores. Com a emigração na crise financeira não houve alteração salarial em câmaras e freguesias.

57,2%

Foi o número da abstenção nas últimas autárquicas na Área Metropolitana de Lisboa, o mais elevado no país.

Autarquias temem cortes

● Tendo em conta que as transferências de verbas do Estado Central para as autarquias também se baseia nos inscritos nos registos eleitorais, uma limpeza nos cadernos poderia significar, para câmaras atingidas pela emigração e êxodo rural, um rude golpe nos municípios mais pequenos e despovoados. Por exemplo, há muito que o distrito de Bragança tem mais eleitores inscritos que residentes.

ticas estável há 40 anos também poderá não ser o melhor contributo para ocorrer uma mudança de encher o olho.

“Existe uma desconfiança do povo português não só em relação à política, como à sociedade – toda a sociedade que está fora do núcleo da família. Algo que pesa no longo prazo, principalmente em tempo de crise, que põe em causa as relações dos cidadãos e aprofunda o sentimento de não se sentir representado”, considera Giovanni Allegretti, codiretor da Autoridade para a Promoção da Participação na Região Toscana (Itália).

Para este investigador, ligado ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que há muito analisa a realidade nacional, “há um interesse cada vez maior dos portugueses na política, principalmente quando assistimos a um perfil de autarcas mais jovem, que pode alterar os resultados destas autárquicas [de 2017]”. “O número elevado de abstenção em 2013 ocorreu numa altura de uma crise profunda, com muitos emigrantes”, defende.

Partidos são sempre os mesmos

Ora, os milhares de portugueses que saíram do país durante o resgate financeiro podem ser uma das explicações para que, dos 9, 5

Urnas abrem já com 10% de abstenção, que equivale aos que estão inscritos mas que não residem cá

milhões inscritos nos cadernos, só tenham votado 52,6% [ver mais dados no quadro em baixo]. Motivo: quem está lá fora não pode votar nas autárquicas, ao contrário do que acontece nas legislativas e nas presidenciais.

Mas não só. “Portugal tem uma enorme estabilidade no quadro político existente. A oferta tem sido muito menos variada e por isso há uma dificuldade em recuperar o não voto, com os partidos que todos conhecem. A crise acentuou esse sentimento de cansaço, porque foram esses partidos que não conseguiram evitar o que aconteceu”, argumenta Alegretti.

“Mas, olhem pelo lado positivo: Portugal não assiste ao nascer em força de ‘trends’ [tendências] que surgiram em Itália ou Espanha, mais populistas, xenófobas, anti-imigrantes. É verdade que esses novos partidos recuperaram votos de abstencionistas e gente descontente com os partidos tradicionais. É isso que os portugueses querem?”, questiona este italiano. ●